

Fátima Ribeiro de Medeiros, *Do Fruto à Raiz: Uma introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa recolhidas e contadas por Ana de Castro Osório*, Coleção Ensaios, Canelas, Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2003. 240 pp.

Isabel Cardigos

Do Fruto à Raiz é o título inspirado do que primeiro foi uma tese de mestrado da Universidade Nova, remodelada agora para publicação. A obra centra-se, como a segunda parte do título o indica, sobre os dois volumes de Ana de Castro Osório, *Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa*, publicados postumamente, sem data, pela Sociedade de Expansão Cultural, “sobre a versão última e perfeita, pela ilustre senhora revista”, como se lê no prefácio dos mesmos.

Numa primeira parte do seu livro, que serve como pórtico de dois batentes abrindo-se para o estudo das *Histórias* (numa segunda parte), Fátima Medeiros expõe, num primeiro capítulo, a questão da literatura para a infância, destinatária da colectânea de Dona Ana. Num segundo capítulo, é apresentado o contexto temporal que precedeu, formou e informou a escritora (sobretudo o fim do séc. XIX). Este capítulo fecha com um curioso excursus que decorre do sub-capítulo “Heranças da Etnografia” (37), em que a autora pondera as “relações entre o oral, o escrito e o infantil”, defendendo o tradicional como “raiz e húmus do infantil” (38-40).

A segunda parte desta monografia começa por examinar como se situam as *Histórias* de Ana de Castro Osório, entre tradição oral e literatura. E, pegando no binómio feliz “fruto e raiz”, propõe-se pesquisar as diferentes “raízes” cujos “frutos” vêm a ser histórias para crianças. A autora dá-se muito bem conta da ambiguidade do que, afinal vem a ser raiz ou fruto. Porque, se “raízes” tradicionais vieram a dar “frutos” literários, também detectou “raízes” literárias em “frutos” que se nos apresentam como tradicionais.

Fátima Medeiros parte em seguida para a análise das *Histórias*, percorrendo lugares, os da linguagem escrita que se investe dum certo sabor “oral” (“O Falar e o Saber Popular”, p. 86), com fórmulas como “Seja Deus louvado, Está o Conto Acabado” (um dos sub-títulos deste seu capítulo); e percorrendo os vários lugares que as histórias contam, dos “espaços naturais” aos “espaços maravilhosos”. Termina este capítulo com um levantamento das personagens (“mágicas”, “humanas criaturas”, “animais”) que povoam as *Histórias*, com o que delas decorre e as define, desde o seu enquadramento até ao vestuário e adornos que as veste e reveste (119-128). O capítulo seguinte detalha este tipo de análise, abordando um *pot-pourri* de assuntos como o Animal-Noivo, a simbologia dos números, metamorfoses, tarefas inciáticas, interdições e transgressões, etc. (131-177). Mais interessante me parece o capítulo final —“Abandonando as Marcas da Tradição”—, em que é feito um levantamento das marcas da escritora nas histórias que reconta, mencionando as suas fontes e as razões do seu distanciamento em relação às raízes tradicionais destes contos que tornou seus. Além de um excelente índice bibliográfico de 23 páginas, o livro está enriquecido com dois anexos muito úteis: um apêndice biobibliográfico de Ana de Castro Osório (203-209) e uma classificação das *histórias* segundo o índice de Aarne e Thompson (211-216)

O livro, muito bonito, está complementado com um pequeno prefácio de Isabel Cardigos dos Reis e uma carta aberta de Ana Paula Guimarães.